

**JORGE HENRIQUE LOPES DE SANTANA**

**A MULHER EM MIM: O INTERESSE DOS HOMENS PELO VESTUÁRIO DAS MULHERES**

**CELACC/ ECA-USP**

**2014**

**JORGE HENRIQUE LOPES DE SANTANA**

**A MULHER EM MIM: O INTERESSE DOS HOMENS PELO VESTUÁRIO DAS MULHERES**

Trabalho de Conclusão do curso de Pós-Graduação em Mídia  
Comunicação e Cultura elaborado sob orientação do Prof. Dr.  
Ricardo Alexino.

**CELACC/ ECA-USP**

**2014**

## A mulher em mim: o interesse dos homens pelo vestuário das mulheres

Jorge Santana <sup>1</sup>

### RESUMO

*Há registros de homens fazendo uso do vestuário das mulheres em diversas culturas milenares e movidos pelos mais diversos objetivos. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho propõe analisar sob o ponto de vista psicanalítico, histórico e cultural o fascínio dos homens pelo vestuário das mulheres.*

**Palavras-Chave:** Antropologia, Vestuário, Crossdresser, Travestis, Dragqueens, Moda

### ABSTRACT

*There are records of men making use of women's clothing in various ancient cultures and driven by different objectives. Based on this assumption, this paper proposes to analyze from the point of psychoanalytic, historical and cultural perspective the allure of men by women's attire.*

**Keywords:** Anthropology, Clothing, Crossdresser, Transvestite, Dragqueens, Fashion

### RESUMEN

*Existen registros de los hombres que hacen uso de la ropa de las mujeres en diversas culturas antiguas y conducido por diferentes objetivos. Con base en este supuesto, este trabajo se propone analizar desde el punto de perspectiva psicoanalítica, histórico y cultural del encanto de los hombres de vestimenta de las mujeres.*

**Palabras clave:** Antropología, Ropa, Crossdresser, Travesti, Dragqueens, Moda

1. Jorge Santana, Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura - CELACC/ECA-USP - 2014, bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Taubaté.

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é." Caetano Veloso

### **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Alexino, pelo apoio e pela condução no estudo deste tema tão rico. Ao meu namorado, Rafael Persan, pelo suporte emocional, pela compreensão nos meus momentos de ausência e pelo incentivo diário. Aos professores do CELACC-USP pelo conhecimento compartilhado e aos meus colegas de turma por me fazerem entender na prática o conceito de amizade a importância dos encontros na vida.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. EU ME TRANSFORMO EM OUTRAS .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 A SIMBOLOGIA DO VESTUÁRIO DA MULHER .....</b>	<b>09</b>
<b>3. EU ME TRANSMUTO EM OUTRAS .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 A TRAVESTILIDADE.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 A TRAVESTILIDADE NO CINEMA .....</b>	<b>15</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA .....</b>	<b>18</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade patriarcal na qual a mulher é constantemente colocada em segundo plano frente ao papel do homem. O patriarcado é uma forma de organização social e familiar centrada na figura masculina criada principalmente pela necessidade de reprodução e sobrevivência humana. É fato que há no mundo outras formas de organização que têm a figura feminina como centro. Porém, elas existem em menor número.

É certo também que ao longo dos anos as mulheres conquistaram uma série de direitos, porém o machismo ainda impera nas mais diversas sociedades tendo como principal vítima a mulher. Dentro desse cenário de opressão às mulheres, há características semelhantes nas mais diversas culturas patriarcais. Uma delas, contudo, nos chama mais atenção e é o cerne da investigação deste artigo.

Trata-se da complexa relação com o vestuário feminino que os homens, de uma maneira geral, mantêm. As razões são diversas: com o objetivo de criticá-lo (assumindo, dessa forma, o controle sobre o corpo da mulher) ou para fazer uso dele de maneira picaresca, o que geralmente ocorre (e é socialmente aceitável) em festividades, e ainda pelo desejo inconsciente de expressar a mulher que internamente neles habita. A proposta é ir além das avaliações superficiais e buscar, a partir da análise simbólica dos elementos presentes nesta relação, traçar um panorama sintomático do contexto avaliado.

O fato é que, de alguma forma, o vestuário das mulheres está presente no imaginário dos homens, independentemente da orientação sexual, desde sempre ao longo da história da humanidade. Há registros de pessoas vivendo uma identidade de gênero diferente do sexo biológico em diversas culturas milenares. Escrito entre 1500 a.C e 600 d.C, o Kama Sutra já mencionava a existência de pessoas com o “terceiro sexo”, termo que chegou a ser citado pelo cantor e compositor Caetano Veloso na letra da canção *Eu sou neguinha*: “totalmente terceiro sexo, totalmente terceiro mundo terceiro milênio, carne nua, nua, nua, nua, nua, nua...”.

O *terceiro sexo* foi cunhado na segunda metade do século 19 para designar os homossexuais. Na época, e em muitos lugares ainda hoje, os homens homossexuais eram vistos como detentores de uma alma feminina, pessoas doentes. Na Índia, o terceiro sexo é uma definição atribuída às hijdras, homens homossexuais ou hermafroditas que são separados das famílias, castrados, adotam roupas de mulheres e formam uma casta específica, com templos, deuses próprios e o dom de abençoar ou amaldiçoar.

É, em resumo, uma forma utilizada por muitos para distinguir aqueles que não enquadram nos gêneros oficialmente aceitos nas sociedades patriarcais: o masculino e o feminino. Em seu livro *Os 11 sexos*, no entanto, o psiquiatra e terapeuta Ronaldo Pamplona da Costa propõe, com base em estudos e em mais de 20 anos de experiência clínica, a existência de mais de dez expressões da sexualidade humana. Seriam elas: Heterossexual; Bissexual; Homossexual; Travesti; Transexual - nas versões masculina e feminina, compondo dessa forma dez, – e os hermafroditas.

A sexualidade é o aspecto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e, para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permitem que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser (PAMPLONA, 1994).

Na publicação, Pamplona, além de ampliar as expressões da sexualidade humana, propõe aos médicos e, à sociedade como um todo, que passem a olhar as pessoas não apenas do ponto de vista de orientação sexual, mas também de identidade de gênero, levando em consideração o corpo com o qual se nasce, as mudanças psicológicas ao longo da vida e as condições sociais nas quais todos estamos imersos.

## 1. EU ME TRANSFORMO EM OUTRAS

O interesse dos homens em fazer uso das roupas de mulheres, como já foi dito, é antigo. Segundo o antropólogo Roberto DaMatta, há registros de festas nos quais os homens se vestiam de mulheres que datam de 1700, na Rússia governada por Catarina II, a Grande. Para ele, o hábito de homens se fantasiarem de mulheres é um ritual da licença, onde os opostos se invertem. É também, segundo o pesquisador, um ato que isenta os festeiros das responsabilidades civis e jurídicas. A troca significa, portanto, uma fuga da realidade, ainda que temporária.

Em se tratando de cultura brasileira, a festividade na qual os homens mais se travestem de mulheres é o Carnaval. Herança direta dos nossos colonizadores europeus, o Carnaval, tem suas raízes na Grécia Antiga, em celebrações ao deus Dionísio, cultuado como Baco em Roma, após a expansão do Império. Na Idade Média, era uma celebração conhecida como a Festa dos Loucos tolerada pela Igreja Católica apenas como estratégia para a expansão no Cristianismo. Um período breve de libertação dado ao povo antes dos quarenta dias de penitência de Quaresma. A iniciativa ocorria por meio da prática da inversão. Inicialmente da cultura e da natureza, com o homem se vestindo de bicho/animal e, posteriormente, por meio da mudança de gênero, tendo como foco o vestuário das mulheres.

É comum vermos por todo o país, e também nas campanhas publicitárias, especialmente as de cerveja, durante o feriado uma multidão de homens travestidos, geralmente com as roupas de suas companheiras, irmãs ou amigas. Um hábito que atravessa gerações e que já se tornou parte da festividade. Na década de 1990, a revista masculina VIP promoveu uma enquete com homens de várias capitais brasileiras para tentar compreender esse comportamento no Carnaval.

O resultado: 3,5% dos entrevistados afirmaram gostar da festa justamente porque podem vestir-se de mulher; 3,2% disseram que os blocos em que homens se vestem de mulheres são os lugares mais divertidos para pular Carnaval, 2,6% contaram já terem passado os quatro dias de folia vestidos de mulher e outros 2,9% passaram a festa com outros homens vestidos de mulher.

O curioso é que, embora também participem ativamente da festa, tanto quanto os homens, é raro encontrar mulheres travestidas de homens. Para o psicoterapeuta Sócrates Nolasco, essa reação masculina tem relação direta com o patriarcado, sendo a travestilidade do Carnaval uma forma de libertação dos dogmas sociais.



O homem se veste de mulher porque quer ser mais afetivo de maneira escancarada, sair beijando todos, de qualquer sexo. Homem afetivo, nos outros dias do ano, é coisa de gay. É um contraponto. Um momento do ano em que ele não precisa afirmar sua masculinidade (NOLASCO, 2010)

Em nossa sociedade, homem é razão e mulher emoção. Dessa forma, ao homem, desde criança, é vetado o exercício da emoção e estimulada a prática da competição e da violência. Para serem aceitos como machos, os menino precisam corresponder ao se espera deles em uma sociedade patriarcal — força, sucesso e poder, sem falhas ou medo. De acordo com a psicanalista Regina Navarro, perseguir o ideal masculino da nossa sociedade gera angústias e tensões, sendo necessário então usar uma máscara de onipotência e independência absoluta.

Por isso, parece adequada a afirmação de que “quando cai a máscara descobre-se um bebê que treme”. Mas por que tudo isso? Quando pequeno, o menino tem com a mãe um vínculo intenso, que deve ser rompido precocemente para que ele se desenvolva como “homem”. Permanecer muito perto da mãe só é permitido às meninas. Para os meninos isso significa ser maricas ou filhinho da mamãe. Os amigos e os próprios pais não perdem uma oportunidade de deboche ou piada a qualquer manifestação de sujeição à mãe. O desejo de ser cuidado, acalentado, dependente é recalcado (NAVARRO, 2014).

Quando adultos, eles tentam esconder a necessidade que tem das mulheres por meio do desprezo, iludindo-se na ideia de serem independentes e autônomos. Sobre o assunto, comenta Navarro: *“autonomia implica não se submeter às exigências sociais, de modo a rejeitar características da própria personalidade consideradas femininas pela nossa cultura. O homem pode ser forte, decidido e corajoso, mas também frágil, indeciso e muitas vezes sentir medo, dependendo do momento e das circunstâncias. Pode falar dos seus sentimentos, ficar triste e até chorar. O homem autônomo só começa a surgir nesse momento, em que a mentalidade patriarcal começa a sair de cena.”* (NAVARRO, 2014).

## **2.1 A simbologia do vestuário da mulher**

A psicanalista transexual Letícia Lanz pondera que o ato dos homens se vestirem de mulheres, já tão enraizado, contribui para o fortalecimento do machismo em nossa cultura. Os participantes da festa jamais aparecem vestidos da maneira como as mulheres se vestem no dia a dia, mas sim de maneira cômica, exagerando na maquiagem, nos acessórios, no pouco tecido. Isso porque até no Carnaval a sua masculinidade é posta a prova.

Homem vestido da maneira mais bizarra que conseguir é uma forma irônica e jocosa de se promover a hegemonia machista. Mas qualquer tentativa de um homem usar, seriamente, peças do vestuário feminino faz com que o infeliz autor desse atrevimento seja imediatamente taxado de “mulherzinha”, um dos piores insultos que podem ser feitos a um homem numa sociedade patriarcal-machista-fundamentalista como a nossa (LANZ, 2013)

Podemos citar como exemplo da opressão deste sistema patriarcal a intervenção realizada pelo artista plástico Flávio de Carvalho em 1956, no Viaduto do Chá, em São Paulo. Batizada de Experiência Nº 3, a iniciativa consistiu numa passeata em que o artista vestia saíote verde e blusão de mangas curtas folgadas, peças leves associadas ao vestuário das mulheres. A ação, que buscava romper com os padrões sociais e adequar a moda ao clima do nosso país, foi recebida com muitas críticas pela imprensa e pela sociedade. O mesmo ocorreu com Gilberto Gil e Caetano Veloso quando surgiram, nos anos da década de 1970, vestindo pareo, ou saída de praia, durante o Movimento Tropicalista.

Para o psiquiatra Luiz Alberto Py, no quesito vestimenta a situação da mulher é um pouco mais flexível que a do homem em nossa sociedade. “Mulher já pode se vestir de homem no dia a dia, usar calça comprida, camisa social, mocassim...e ninguém põe em dúvida sua sexualidade. Já o homem...” (PY, 2010).

Analisando a questão sob o prisma da Psicanálise, podemos inferir que o desejo ou mesmo a fuga do homem por meio do vestuário da mulher tem relação direta com o que Jung denominou *Anima*, isto é, o feminino. Amparado no estudo dos sonhos, e partindo do pressuposto de que os sonhos são expressões específicas do inconsciente, Jung aponta a anima como sendo uma maneira do homem lidar com o ambiente que o cerca, especialmente com as mulheres, mas que ele esconde dos outros e principalmente de si mesmo.

Em seu livro *O Homem e Seus Símbolos*, o psicanalista conta que atendeu um paciente que sonhava com uma mulher desgrenhada, vulgar e bêbada. No sonho, parecia ser sua própria mulher, embora ele estivesse casado com uma pessoa totalmente diferente. O paciente interpretava o sonho como uma fantasia, porém Jung decidiu investigar a fundo o caso para entender as mensagens que aquele sonho deseja transmitir ao paciente.

(...) apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros – e mesmo dele próprio – a deplorável condição da sua “mulher interior”. Foi o que aconteceu com o meu paciente: o seu lado feminino não era dos melhores. E o seu sonho estava lhe dizendo: “Você está se comportando em certos aspectos como uma mulher degenerada”, dando-lhe assim um choque propositado. O sonho não pretendia dizer ao paciente que se comportasse melhor: estava tentando simplesmente contrabalançar a natureza mal-equilibrada da sua

consciência, que alimentava a simulação do doente de ser sempre um perfeito cavalheiro (JUNG, 1964, p.31)

Nesse sentido, e ainda no contexto do Carnaval, é válido pontuar que nas festividades os homens travestidos assumem o papel de uma mulher impactante, sensual e nada discreta. Para tanto, fazem uso de muita maquiagem, vestidos curtos, saias, fendas, decotes e salto alto. Perfil exatamente oposto ao padrão aceito pela sociedade patriarcal como mulher “de respeito”. Mais que uma tentativa de “marcar” a sua heterossexualidade, a atitude da maioria dos homens no período do Carnaval pode refletir um conflito com a mulher interior, como no caso do paciente citado por Jung.

O canal de tv paga *Discovery Home and Health* lançou em setembro de 2014 o *Dormindo com o meu estilista*, versão brasileira de um programa no qual os maridos compõem os looks que serão usados pelas suas mulheres. Apresentado por Adriane Galisteu, o programa objetiva deixar os dois, marido e esposas, felizes com o vestuário utilizado pelas mulheres. Em entrevista ao jornal O Dia, a apresentadora disse que “em certo momento do programa, o homem pode se livrar da peça que ele tanto detesta, normalmente uma roupa que a mulher usa muito e com a qual se sente mais segura”.

O conflito com a mulher interna também pode explicar a necessidade que alguns homens têm de escolher as roupas que suas mulheres vestem ao ir para rua ou de decidir pelo uso ou não de maquiagem, numa espécie de brincadeira de bonecas da vida real. Em sua clássica canção, *Marina*, de 1947, Dorival Caymmi aborda essa questão em um de seus versos:

Marina, morena, Marina, você se pintou. Marina, você faça tudo, mas faça um favor. Não pinte esse rosto que eu gosto, que eu gosto e que é só meu. Marina, você já é bonita com o que deus lhe deu. (CAYMMI)

A questão da escolha da roupa leva à discussão do que pode e do que não pode ser usado pelas mulheres da nossa sociedade. Em março de 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicou que 65% dos mais de três mil entrevistados concordam, de maneira absoluta ou parcialmente, que mulheres que deixam o corpo à mostra, utilizando saias, vestidos ou tops, merecem ser estupradas. Realizada entre maio e junho de 2013, o estudo ainda revelou que 58,5% dos participantes concordavam que se “as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros”.

A informação repercutiu no país e deu origem à campanha virtual *Eu não mereço ser estuprada*, idealizada pela jornalista e escritora Nana Queiroz, com o objetivo de sensibilizar

principalmente as mulheres que responderam à pesquisa (66,5% dos entrevistados no estudo eram mulheres). “Queremos mostrar que pode, sim, andar na rua de minissaia, decote ou top. As mulheres precisam se sentir à vontade para mostrar os corpos e talvez com a aderência das amigas e de muitas outras à campanha, a gente consiga atingir essa mudança de mentalidade”, disse ela, na época.

## **2. EU ME TRANSMUTO EM OUTRAS**

Ao tratar da utilização de roupas de mulheres pelos homens e tratarmos de questões referentes à psiquê humana, é válido fazermos uma breve análise sobre questões referentes à sexualidade e ao gênero. A psicanalista transexual Letícia Lanz afirma que é natural e bastante comum o desejo ocasional das pessoas de usarem roupas do gênero oposto. É um processo que, segundo ela, faz parte do período de formação e na maioria das vezes trata-se de curiosidade pelo diferente, pelo universo do outro. Contudo, se o hábito passa a se tornar frequente a pessoa pode apresentar um quadro de transgeneridade, isto é, ela não se identifica com o gênero ao qual foi classificada ao nascer.

O termo identidade de gênero foi cunhado na década de 1960 pelo médico e psicanalista norte-americano Robert Stoller para denominar a sensação de pertencimento aos gêneros masculino ou feminino. Ainda que para a maioria das pessoas essa identificação seja simples e natural, ela torna-se traumática para algumas, especialmente aquelas que fogem aos princípios da heteronormatividade: os transgêneros.

Os estudos sobre esse universo da sexualidade tiveram início nas primeiras décadas do século 20. Segundo a psicóloga Eliane Kogut, o termo travestismo (hoje substituído por travestilidade, partindo do entendimento que a aplicação do sufixo ismo pressupõe ou define doença) foi cunhado pelo médico alemão Magnus Hirschfeld em 1910 para definir aqueles que, independentemente de suas inclinações sexuais, tinham prazer em vestir roupas do sexo oposto.

Em seus estudos, Hirschfeld investigou inúmeros casos e discriminou as diversas incidências da travestilidade, diferenciando-as da homossexualidade. Ao longo do tempo, contudo, o termo passou a agregar significados pejorativos até tornar-se associado à prostituição e eventualmente a comportamentos antisociais. Assim, procurando se desvincular do estigma do termo, muitos travestis preferem, atualmente, se autodenominar pelo termo crossdresser. (KOGUT, 2006, p. 9)

Na década de 1970, os transgêneros passaram a naturalmente se diferenciar em categorias como travesti, dragqueen, transexual (masculino e feminino) e crossdresser. No âmbito da definição, crossdresser é a pessoa que veste roupas ou utiliza objetos tradicionalmente relacionados ao sexo oposto. O desejo por travestir-se, contudo, não está ligado à orientação sexual. Neste caso, trata-se apenas do conflito da pessoa com o gênero na qual ela foi inserida socialmente.

Apesar do termo ser bastante recente, o hábito de homens se vestirem de mulheres é bastante antigo. Há registros na Antiguidade, na Idade Média e Moderna, além de tribos africanas e comunidades asiáticas. Em geral, eram homens que atuavam em posições nas quais era permitido a travestilidade, no caso as peças de teatro na Grécia e no Japão. Segundo Kogut, somente a partir da década de 1950 é que começaram a surgir mudanças significativas neste cenário.

Em parte, são mudanças derivadas dos esforços de antigos pioneiros da sexologia, da psicologia e dos militantes das minorias sexuais e feministas em entre 1880 e 1930 já se mobilizavam contra os preconceitos moralistas do século 19 (KOGUT, 2006, p. 10)

Criada justamente neste período, em Nova York (EUA), a Casa Sussana era um local onde homens heterossexuais de meia idade se reuniam para se travestir. O ponto de encontro permaneceu secreto durante anos e veio à tona cerca de dez anos atrás a partir da divulgação de imagens do cotidiano da casa. As fotos os mostram fazendo atividades do cotidiano, como regando o jardim, jogando cartas ou apenas se divertindo juntos. O conjunto de imagens resultou no livro “Casa Susanna”, lançado em 2005. Robert Swope, um dos autores da publicação, ressalta que as imagens são importantes não apenas por registrarem o período, mas também por validar as vidas que eram vividas na casa, às escondidas.

Se na década de 1950 o assunto não era bem aceito pela sociedade, em pleno século 21 a situação não é muito diferente, especialmente no Brasil. Tomemos como exemplo o caso do mecânico mineiro Max Costa que se descobriu crossdresser aos 12 anos, experimentando as roupas da irmã. Atualmente, ele mantém no armário vestidos tubinho, colans e minissaias. “Quase não uso cueca, e, às vezes, mesmo usando macacão de mecânico, coloco sutiã”, afirmou ao jornal Encontro. Apesar de bem resolvido com a sua identidade, ele ainda sofre preconceito do pai e da mãe, que não conseguem compreendê-lo. Por conta disso, só anda com roupas de homem. Heterossexual, já teve algumas namoradas. Uma delas pediu a ele que só vestisse roupas de mulher dentro de casa. Ele não aceitou.

O estranhamento aos crossdresser se dá principalmente pelo fato deles romperem com o modelo heteronormativo vigente no qual o macho é ativo, a fêmea é passiva e as funções do masculino e do feminino na sociedade são bem definidas. Desde a década de 1960, com o surgimento de artistas como David Bowie, Mickey Jagger e Caetano Velloso, que brincam com a hidrografia e a mistura de elementos do homem e da mulher, a sociedade ocidental tem sido obrigada a encarar o ser humano de uma maneira mais ampla.

### 3.2 A TRAVESTILIDADE

De acordo com a Enciclopédia da Homossexualidade, de Wayne Dynes (Garland Press, Nova Iorque, 1990), o termo travesti foi escrito a primeira vez em 1910, pelo sexólogo Magnus Hirschfeld, e passou a ser usado no Brasil a partir de 1939. Pela definição, travesti é o homem ou mulher que se veste e assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto.

Em nossa sociedade, assumir-se travesti tem relação com identidade de gênero, mas também como manifestação de resistência em regimes totalitários. No Brasil, um exemplo clássico desse fenômeno de resistência é o grupo *Dzi Croquettes*. Formada no auge do Regime Militar, a trupe era uma mistura entre espírito libertário e invenção artística com integrantes diretamente influenciados por diferentes manifestações culturais, como o teatro de vanguarda, o jazz, a bossa-nova e o movimento gay.

Vanguardistas, além de romperem com os conceitos de masculino e feminino, também questionavam parâmetros da própria travestilidade ao usarem roupas de mulher sem depilar pernas, braços, axilas ou mesmo tirar a barba. Eles eram o conceito do hibridismo vivenciado na prática e propunham ao público do uso do corpo sem barreiras morais. Você pode ser o que quiser ser. Marcando profundamente o campo das artes, sendo reconhecidos inclusive internacionalmente (a atriz norte-americana Lize Minelli era uma de suas grandes fãs), o grupo fez história e, de certa forma, abriu caminho para uma questão entraria em pauta no Brasil e no mundo: a questão *transgender*.

O interesse do público por este universo se dará especialmente a partir da década de 1980, período de grandes mudanças no país, tanto sociais quanto políticas. Nesta década, por exemplo, surge o modelo transexual Roberta Close que desperta a curiosidade de todos e vende milhares de exemplares de seu ensaio nu para a revista Playboy. Na televisão, era exibida a série Malu Mulher, que tinha como protagonista uma mulher divorciada, interpretada pela atriz Regina

Duarte. Era a primeira que temas como divórcio e violência doméstica eram tratados na Rede Globo. Na mesma emissora, estreava também outro importante programa do período: o TV Mulher, com a jornalista Marília Gabriela e o estilista Clodovil Hernandez, uma das figuras mais famosas e controversas da TV brasileira.

Clodovil inaugurou a era dos estilistas midiáticos. A partir dele, questões como moda, estilo, antes reservadas aos ateliês e restrita a um grupo de pessoas, alcançaram as massas, por meio da televisão. Assim como os homens heterossexuais que se realizam ao brincar de bonecas com suas esposas e namoradas, os estilistas de certa forma exercitam brincadeira semelhante, ditando às mulheres o que usar, como usar e onde usar.

### 3.3 A TRAVESTILIDADE NO CINEMA

Ao longo da história, a travestilidade sempre esteve ligada à marginalidade das ruas, a proteção do armário ou a comédia, especialmente no cinema. No filme *Quanto Mais Quente Melhor*, de 1959, considerada por alguns críticos a melhor comédia da história do cinema, os personagens dos atores Tony Curtis e Jack Lemmon, se travestem de mulher para fugir de uma gangue italiana de bandidos. Travestidos, eles se juntam a uma banda de garotas, cuja vocalista é a personagem da atriz Marilyn Monroe, e vivem diversas situações cômicas e inusitadas envolvendo principalmente o fato de estarem vestidos de mulher.

Em *Tootise*, de 1982, Dustin Hoffman vive um ator perfeccionista que, desesperado para conseguir um papel numa telenovela, se veste de mulher e cria uma personagem que, para seu desespero, conquista o público e faz enorme sucesso. Além das típicas confusões envolvendo um homem que tenta se passar por mulher (já explorada em outros filmes), a questão aqui fica mais complexa no momento em que ele se apaixona por uma das atrizes da novela.

Em *Uma Babá Quase Perfeita*, de 1993, Robbin Williams interpreta um pai que para ficar próximo aos filhos se traveste de uma babá inglesa. Sucesso de bilheteria nos anos 90 do século XX, a produção mais uma vez fez uso da travestilidade como elemento principal da comédia. Aliás, o uso desse argumento em filmes de comédia será novamente repetido em produções como *Vovó Zona (versões, 1, 2 e 3)* e *As Branqueelas*, ambas comédias, e *Hairspray*, baseado no musical de sucesso da Broadway que trouxe o galã Jon Travolta como a matriarca obesa da personagem principal.

*Tudo Sobre Minha Mãe* do diretor espanhol Pedro Almodóvar, de 1999, também traz homens travestidos de mulher, porém desta vez não se trata de uma fuga dos personagens ou mesmo uma situação passageira, mas uma questão de identidade de gênero propriamente dita e com conflitos possíveis dentro deste cenário. Há cenas de comédia, como na maioria dos filmes do diretor, porém o drama da realidade é mais palpável e representativo na película.

Na década de 1990, por sinal, diversos filmes trarão à tona a questão da travestilidade e muitos atores darão vida a personagens dragqueens. Entre as produções que podemos citar com a temática estão *Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar*, de 1995, com Patrick Swayze, Wesley Snipes e John Leguizamo (que interpretam três drag queens que estão atravessando os Estados Unidos) e *Priscilla, a Rainha do Deserto*, de 1994, que narra a trajetória de três drags pelo deserto australiano em um ônibus. Mais recentemente, *Clube de Compra Dallas* deu ao ator Jared Leto o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante pela interpretação de um transgênero portador do vírus da Aids.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em todo o levantamento histórico realizado e nas diversas interpretações sociais e psicanalíticas envolvidas no contexto, podemos concluir que a relação dos homens com o vestuário das mulheres é intrínseca e complexa. O vestuário pode significar uma tentativa de controle sobre o corpo da mulher, como também pode ser a projeção de um lado feminino perturbado ou um desejo de expressão não explorado.

O Carnaval, festa dos loucos e período de libertação para muitos homens, representa também o reforço de características do machismo, o momento no qual eles podem se vestir de mulher, porém de uma maneira que atestem aos outros que a sua masculinidade permanece intacta. Por conta disso, as mulheres que vemos travestidas no Carnaval e nas propagandas de TV são figuras caricatas com trejeitos que em nada de aproximam da realidade. E o home que foge à essa regra silenciosa é automaticamente discriminado, porque não está “brincando” de ser mulher, mas sendo mulher, o que é proibitivo em nossa sociedade.

O mais interessante, contudo, é que podemos concluir por meio desse estudo que, embora seja a principal vítima do sistema patriarcal ainda vigente, a figura da mulher exerce um fascínio sobre os homens fora do comum, principalmente por meio do vestuário. Talvez por isso mesmo ela seja o foco principal do sistema de controle em vigor. Dessa forma, levanta-se a proposta de aprofundar um pouco mais essa discussão e avaliar a importância e o impacto dessa análise em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adriane Galisteu comanda série Dormindo com meu Estilista. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2014-09-02/adriane-galisteu-comanda-serie-dormindo-com-meu-estilista.html> > Acesso em 08/09/2014

A dependência emocional dos homens. Disponível em: <http://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/2014/02/11/dependencia-emocional-dos-homens/> Acesso em 07/08/2014

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

Conheça o mecânico mineiro que anda pela rua vestido de mulher. Disponível em: <[http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontrobh/atualidades/2014/03/18/noticia\\_atualidades.147960/onheca-o-mecanico-mineiro-que-anda-pela-rua-vestido-de-mulher.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontrobh/atualidades/2014/03/18/noticia_atualidades.147960/onheca-o-mecanico-mineiro-que-anda-pela-rua-vestido-de-mulher.shtml)> Acesso em 07/09/2014

COSTA, Pamplona, Ronaldo. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.

FACCHINI, Regina. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro**. Revista Bagoas. nº. 04, p.131-158, 2009.

Flavio de Carvalho, a revolução modernista no Brasil. Disponível em: <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Flavio2.pdf> Acesso em 20/08/2014

GONÇALVES, M; FIRMIANO, Daia. **Cultura, Política e Transformação em Gramsci**. Belo Horizonte: Bookjuris Editora, 2010.

JESUS, Jaqueline, G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

JUNG, Carl. G. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KOGUT, Eliane. C. **Crossdressing masculino: uma versão psicanalítica da sexualidade crossdresser**. São Paulo, 2006.

MATTA, Roberto Da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MORAES, Dennis. D. **Sociedade Midiatizada**. São Paulo: Mauad, 2006.

MOTT, Luiz. **Escravidão, Homossexualidade e Demonologia**. São Paulo: Icone, 1988.

NAVARRO, L, Regina. **O Livro do Amor**. Rio de Janeiro:Best Seller, 2012.

Por que os homens se vestem de mulher? Disponível em: <<http://www.culturamix.com/cultura/curiosidades/carnaval-porque-os-homens-se-vestem-de-mulher>> Acesso em 09/08/2014

Por que tantos homens se fantasiam de mulher. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2014/03/por-que-tanto-homem-bse-fantasia-de-mulherb.html>> Acesso em 07/08/2014

SOUZA, F. A Luiz; SABATINE, T. Thiago e MAGALHÃES, R. Bóris. **Michel Foucault, Sexualidade, Corpo e Direito**. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2011.

WILLYS, JEAN. **Tempo Bom, tempo ruim: identidades políticas e afetos**. São Paulo: Editora Paralela, 2014.